



XVI CONGRESSO INTERNACIONAL ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA

MOVIMENTO SANKOFA: REPARAÇÃO E BEM-VIVER

PERÍODO DO EVENTO: De 20 a 27 de setembro de 2025

CARIRI – CEARÁ - BRASIL

1. CRONOGRAMA

Lançamento do XVI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra	20 de dezembro de 2024
Início das Inscrições de Ouvintes	Dia 01 de maio de 2025
Submissão de Propostas de Simpósios Temáticos	De 01 a 15 de maio de 2025
Submissão de Propostas de Minicursos e Oficinas	De 01 a 15 de maio de 2025
Divulgação dos Minicursos, Oficinas e Simpósios Temáticos aceitos	Dia 25 de maio de 2025
Submissão de Comunicações Orais (Resumos) para os Simpósios Temáticos	De 30 de maio a 30 de junho de 2025
Submissão de propostas para Mostra de Boas Práticas e Recursos Pedagógicos	De 01 de Junho a 15 de julho de 2025
Divulgação Resultado Mostra Pedagógica	Dia 30 de Julho de 2025
Divulgação das Comunicações Orais Aprovadas	Até o dia 30 de julho de 2025

Comunicações Orais	Dia 26 de setembro de 2025 – de 13h30 às 17h30 – URCA, <i>Campus Pimenta</i> , Crato
Entrega dos Resumos Expandidos	Até 26 de outubro de 2025 *Enviar para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br Textos que não atendam às normas deste edital não serão publicados.
Encerramento das Inscrições de Ouvintes	Dia 20 de setembro de 2025
Realização do Evento	De 20 a 27 de setembro de 2025

*Os alimentos (exceto sal) deverão ser entregues no ato do credenciamento.

2. NORMAS PARA SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

- Cada autor(a), coautor(a) ou orientador(a) (quando tiver) deve, OBRIGATORIAMENTE, realizar e pagar sua inscrição individualmente no evento na modalidade apresentação de trabalho.
- Cada participante poderá submeter até 02 (dois) trabalhos. Caso for orientador(a), não terá limites no número de trabalhos.
- Cada trabalho poderá ser escrito por até 03 (três) pessoas. Deve conter o título, nome completo das pessoas proponentes, vinculação institucional, endereço eletrônico.
- Caso o trabalho tenha orientador(a), poderá ficar até 04 (quatro) pessoas. Deve ser destacado o último como orientador(a). Ao cadastrar no SisEventos é necessário que informe na opção orientador. Não coloque como coautoria.
- Para inscrição todos os trabalhos devem ser apresentados no formato de Resumos Simples contendo de 1000 a 2000 caracteres (com espaços) no sistema de eventos da URCA (SisEventos). É preciso anexar o resumo em pdf no ato de inscrição.
- O Resumo deverá ser apresentado em Português.
- No momento da inscrição é preciso anexar na plataforma uma versão do Resumo Simples em pdf.
- Como compromisso contra o racismo epistêmico, o resumo deverá garantir referenciais de concepções, teorias e epistemologias negras e/ou indígenas.
- O(s) trabalho(s) será(ão) apresentado(s), oralmente, em formato de miolagem, com duração de até 10 minutos para cada apresentação. O evento não disponibilizará equipamentos de projeção.
- A miolagem consiste numa tecnologia social desenvolvida pelas fundadoras do movimento negro caririense, o Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC, Valéria Gercina da Neves Carvalho e Verônica Neuma das Neves Carvalho, fundamentada nos princípios da tradição oral e da ancestralidade, no formato de roda de conversa.
- As propostas de Resumos deverão dialogar com a proposta central do Simpósio Temático. Serão recebidos trabalhos que resultem de pesquisas concluídas ou em andamento, relatos de experiências pedagógicas e outras produções artísticas, literárias e tecnológicas (poesia, fanzine, cordéis, desenhos, contos, arquivos orais, produções audiovisuais, etc).
- Todos(as) os(as) autores(as) dos trabalhos devem obrigatoriamente realizar o pagamento da inscrição. Verificar a tabela de valores para cada categoria.

- Em hipótese alguma, haverá devolução do valor pago na inscrição.
- É necessário anexar o comprovante de pagamento na plataforma de inscrição e enviar cópia de segurança para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br
- O resumo expandido (4 a 6 páginas) deverá ser enviado, **em formato word**, para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br até o dia 26 de outubro de 2025. No caso de textos com imagens de pessoas é necessário anexar uma declaração de autorização de uso das imagens.
- A revisão gramatical e das normas de ABNT são de responsabilidade dos(as) autores(as).
- **Os trabalhos finais que não estiverem de acordo com as normas deste edital, da ABNT e que não contarem com revisão gramatical não serão publicados.**
- **Se for identificado plágio o trabalho não será publicado.**
- **Os trabalhos finais que não forem entregues nesse prazo não serão publicados. Os anais do evento serão publicados no primeiro semestre de 2026.**
- **Os trabalhos finais, aceitos para publicação, são de inteira responsabilidade dos(as) seus(as) autores(as).**
- **PARA O PAGAMENTO DA INSCRIÇÃO:**

Antônio Carlos Dias de Oliveira Banco: 237 - Banco Bradesco S.A.Agência: 454

Conta: 331761-7

PIX: carlosdyasoliver@gmail.com (e-mail)

***Após o pagamento anexar o comprovante ao sistema de inscrição e enviar como cópia de segurança o comprovante para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br**

5. VALORES:

OUVINTES: 2kg de alimentos não perecíveis (exceto sal); entrega no credenciamento

CATEGORIAS	ATÉ 10 DE JUNHO 2025	ATÉ 30 DE JUNHO DE 2025
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO	R\$ 50,00	R\$ 60,00
PÓS-GRADUAÇÃO E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	R\$ 80,00	R\$ 90,00
PROFESSORES (AS) DE ENSINO SUPERIOR	R\$ 100,00	R\$ 120,00
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA		ISENTOS

LISTA DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

1. **Gênero, sexualidade e relações étnico-raciais na formação inicial e continuada dos docentes - Coordenação:** Cícero Joaquim dos Santos (URCA); Prof^a. Dra. Renata da Silva Barbosa (URCA)

O espaço escolar se constitui como segundo núcleo mais importante de formação intelectual, social, cultural dos sujeitos, sendo também um espaço no qual podem ser identificados várias relações de poder, que evidencia a escola como simulacro social. Nessas relações, foram sendo determinadas quais assuntos são importantes serem tratados nas escolas e quais devem ser “descartados”, a partir da construção de um currículo único, tanto da educação básica, como dos cursos de formação dos professores. Assim, as normas e as regras foram sendo estabelecidas a partir de grupos hegemônicos, que historicamente remete aos homens brancos, heterossexuais, cristãos e abastados. Aqueles(as) que não se enquadram nesse padrão foi identificado como o “outro”, o descartado, inferiorizado, subalterno, pervertido, o que não é digno socialmente. Nessa lógica de sociedade, que é capitalista, patriarcal, racista, cisheteronormativa, o sistema escolar serviu como ferramenta de manutenção dessa ordem, trabalhando na “escolarização do corpo” (LOURO, 2023), a partir do disciplinamento dos corpos, ou seja, da reafirmação dos papéis sociais. Logo, para que as escolas possam desempenhar essa função, há necessidade de professores que sejam formados para seguir o guia curricular. Destarte, o objetivo desse simpósio temático é construir reflexões sobre a formação inicial e continuada de professores a partir dos estudos de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais, nas intersecções com outros marcadores sociais da diferença, como classe, território, geração e deficiência.

2. **Saúde mental, para quem? Perspectivas de cuidado emocional, tensionamentos de gênero e étnico-racial - Coordenação:** Prof^a Dra Moema Alves Macêdo (Psicóloga, ANPSINEP-CE; GEMA-UFPE; UNILEAO); Prof^a Esp. Macedônia Bezerra Felix (Psicanalista, URCA/Frente de Mulheres do Cariri); Prof^a Esp. Francelly da Silva Felix (Psicóloga, ANPSINEP-CE; FACHUSC)

Este espaço de trabalho propõe colocar em questão conceitos de saúde mental e o acesso práticas de cuidado emocional. Intenciona construir diálogos com pesquisas e experiências nos campos da clínica, políticas públicas, organizações e movimentos sociais. Para tanto, apresenta como fundamentais marcadores de gênero e étnico racial. Neste sentido, interessa-se por investigar as condições nas quais pessoas negras, mulheres, LGBTQs, indígenas, quilombolas, com deficiência e em vulnerabilidade econômica estão acessando redes de cuidado em saúde mental. Ainda tensiona problematizar os efeitos dos diagnósticos na contemporaneidade, bem como o lugar da psicoterapia e da medicação no tratamento do adoecimento psicológico. Ainda é esperado receber trabalhos que façam avançar reflexão e a partilha de subversivas experiências de bem-viver e de enfrentamento à iniquidades e opressões no cuidado em saúde mental. Considerando estas perspectivas, a pergunta saúde mental para quem, visa ainda discutir estruturas que produzem sofrimento emocional e afetam as subjetividade.

3. **Pedagogias feministas negras: compartilhando saberes e práticas de mulheres negras na educação e nas ciências humanas e sociais - Coordenação:** Gabriele da Silva Antunes (UECE); Mar Silva (Educação Básica/CE)

Em uma busca rápida em portais de comunicação e informação, evidencia-se que a realidade da mulher negra brasileira é atravessada por uma multiplicidade de formas de discriminação, pensando, principalmente, na intersecção de diferentes formas de dominação e exclusão, a exemplo do racismo e do machismo. São muitas as desigualdades vividas por essas sujeitas. Tendo isso em vista, o referido Simpósio Temático visa ser um espaço de partilha e construção de conhecimentos que reconheça e pautas as diversas contribuições dos saberes e práticas de mulheres negras para a educação e as ciências humanas e sociais. Neste simpósio, acolhemos pesquisas, finalizadas ou em desenvolvimento, que tenham como base conhecimentos produzidos na universidade ou para além dela — a exemplo dos saberes construídos e disseminados em movimentos sociais, escolas de educação básica e comunidades tradicionais. Nessa via, interessamo-nos por pesquisas INdisciplinares, comprometidas, em maior ou menor grau, com a traição da lógica cientificista das disciplinariedades (Luiz Paulo da Moita Lopes, 2006). Neste ST, acreditamos em pesquisas que possam contemplar linguagens de forma sinestésica, isto é, que conjuguem palavras, gestos, música e outros encantamentos imanentes em diferentes materialidades (Leda Maria Martins, 2021). Assim, este simpósio está aberto a receber trabalhos e fomentar discussões a respeito de: a) práticas educativas feministas negras em diversos níveis e modalidades de ensino b) relatos de experiência que versem sobre práticas educativas antirracistas, anticapitalistas, feministas, anti-LGBTfóbicas e em combate de outras formas de violência ou opressão e c) pesquisas que levem em consideração os trânsitos de sentidos e conhecimentos produzidos por ou sobre mulheridades negras.

4. Saberes Ancestrais/Tradicionais e Práticas Educativas Antirracistas -
Coordenação: Thiago de Abreu e Lima Florêncio (NEDESA/URCA), Pâmela Mariana Queiroz Santana (NEDESA/URCA); Diego César dos Santos (SEDUC-CE); Cassio Expedito G. Pereira (UERN; NEGRER/URCA; NEDESA/URCA)

Este simpósio temático propõe um diálogo entre os saberes ancestrais e tradicionais e as práticas educativas antirracistas. Partimos do reconhecimento de que, historicamente, a educação e os currículos foram moldados por uma perspectiva eurocêntrica. Tal processo gerou um epistemicídio sistemático, marcado pela deslegitimação e pelo apagamento dos saberes e práticas dos povos colonizados. Enfrentar esse legado exige um compromisso efetivo com a construção de práticas pedagógicas que reconheçam as epistemologias indígenas, africanas e afro-brasileiras não apenas como formas de resistência, mas também como fundamentos de outros modos de viver, pensar, aprender e ensinar. Dessa forma, esse espaço busca trazer para o debate teorias e práticas de processos sociais e políticos emancipatórios do movimento negro e indígena educador, experienciando caminhos que trazem vivências de territórios negros e indígenas para sala de aula. Ao mesmo tempo, busca-se refletir sobre as lutas antirracistas e seus modos de efetivar a implementação da equidade racial por meio do rompimento com abordagens meramente academicistas. Assim, convidamos educadores(as), pesquisadores(as) e integrantes de movimentos sociais comprometidos com a luta antirracista para refletir sobre como saberes vinculados à corporalidade, às tecnologias ancestrais, aos conhecimentos das matas e às práticas tradicionais de cura podem inspirar metodologias de ensino e comunicação comprometidas com a luta contra os racismos estrutural, institucional, recreativo, religioso, ambiental e epistêmico, especialmente aqueles direcionados para pessoas negras e indígenas.

- 5. Educação e Patrimônio Cultural: perspectivas para o estudo e o ensino da História e Cultura Africana e Afrodescendente - Coordenação:** Profa. Me. Meryelle Macedo da Silva (NEGRER-URCA); Profa. Me. Márcia Aparecida de Souza (UFC/NEPECGIM UFF); Profa. Me. Yohana Alencar Oyátòsín (UFC); Profa. Me. Cícera Aguida Barbosa Marcelino (SME-Juazeiro)

O processo afrodiaspórico nas Américas possibilitou a espacialização de uma complexidade de conhecimentos necessários à formação e transformação das sociedades, especialmente a brasileira. Parte desses conhecimentos podem ser analisados através da ótica do patrimônio cultural, entendido como as marcas do passado que permanecem no presente, as quais podem nos propiciar o reconhecimento das realizações sociais da população negra. Defendemos a existência de patrimônios culturais negros, cuja análise condiciona ao entendimento da história sociológica, o que só acontece efetivamente se houver uma conexão com o continente africano seja em relação a arquitetura e urbanismo, religiosidade, danças, músicas, culinária, festas, comércio, dentre outras formas de sociabilidade arraigadas a valores sociais civilizatórios que forjam as memórias negras. Desse modo, pretendemos com esse Simpósio Temático dialogar com pesquisadoras(es), docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, estudantes de Graduação e Pós-Graduação e ativistas dos Movimentos Sociais, que se debruçam sobre o estudo e o ensino do patrimônio cultural negro em diferentes perspectivas educacionais.

- 6. Infâncias e Educação para as Relações Ético- Raciais - Coordenação:** Edivone Meire Oliveira (URCA); Sara Raquel de Alencar Ferreira Ulisses (URCA); Alan Cordeiro da Silva (URCA); Ana Paula Santos Santana (URCA)

Este Simpósio objetiva refletir sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, valorizando e positivando a negritude e os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, iniciando em creches, pré-escolas e anos iniciais do ensino fundamental, considerando a Lei Nº 10.639/03 (Brasil, 2003) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNERER (Brasil, 2004). Parte-se do pressuposto da necessidade de formação docente antirracista, tanto inicia l quanto continuada, conforme determina a legislação acima mencionada. Logo, podem participar deste Simpósio licenciandos e docentes do Ensino Superior e da Educação Básica. Assim, recomendam-se apresentações de resultados e análises de pesquisas concluídas ou ainda em fase conclusão (resultados preliminares) acerca da discussão das relações étnico raciais no cotidiano escolar, bem como relatos de experiências relacionados à temática em escolas para as infânc ias. Trata-se de discutir e aprofundar o conhecimento sobre a diversidade étnico-racial na educação das infâncias, com a finalidade de transformação social e a edificação de uma sociedade justa e inclusiva.

- 7. Caminhos Pela Emancipação Africana: Experiências, Vozes e Territórios - Coordenação:** Adilson Victor Oliveira (PPGH-UFC); Tedse Silva Soares da Gama (PPGH-UFC)

O espaço geográfico conhecido hoje como África, sofreu a invasão dos Árabes e dos Europeus, que impuseram suas culturas, suas religiões, criaram separações de classes, civilizados e não civilizados, a partir das suas concepções. Essas categorizações ainda se fazem presentes na contemporaneidade, tendo em conta que os pós-coloniais não

conseguiram eliminar todas as mazelas causadas por essas duas invasões, ou seja, à medida que elucidaram críticas ao sistema colonial, mantiveram vários costumes e linguagens que fazem parte do nosso dia a dia. É importante considerar que as lutas não cessaram, apenas houve triunfo nas libertações territoriais, isso significa que os caminhos pela emancipação continuam em várias frentes e espaços geográficos distintos, porque o legado da colonização se manifesta profundamente nas sociedades africanas, assim como no Brasil, que comporta um número significativo de pretos/as em termos proporcionais, mais reduzidos aos espaços de tomada de decisão. Assim sendo, este simpósio temático (ST) tem como objetivo discutir os diversos caminhos da emancipação africana e de sua diáspora, considerando os preceitos das suas experiências de forma individual e coletiva, das suas vozes de resistência, dos seus territórios simbólicos e das interpretações das lógicas que orientam os movimentos emancipatórios. Nisso, convidamos os professores, estudantes e o público em geral a submeterem seus resumos para este simpósio, cujos princípios estão amplamente presentes na crítica social sobre o passado, o presente dos povos africanos e de sua diáspora. Nesse sentido, propomos reflexões críticas e plurais que promovam um espaço de diálogo que valorize a diversidade de concepções sobre esses assuntos.

8. Filosofia Africana e Afro-Brasileira - Coordenação: Prof. Dr. Francisco José da Silva (UFCA); Prof. Me. Emanuel Marcondes de Souza Torquato (UFCA)

O Simpósio Temático Filosofia Africana e Afro-Brasileira pretende reunir pesquisadores(as), docentes e estudantes interessados(as) na valorização e difusão do pensamento filosófico africano e afro-brasileiro, incentivando trocas interdisciplinares e fomentando o reconhecimento da importância dessas tradições filosóficas para o debate contemporâneo. Os eixos temáticos a serem tratados nas pesquisas são: As bases históricas e epistemológicas da Filosofia Africana; Pensadoras e pensadores afro-brasileiros; Filosofia e ancestralidade: conexões entre tradição e contemporaneidade; Ética e política na abordagem filosófica afrodescendente; Epistemologias do Sul e o resgate do pensamento africano; Filosofia e resistência: reflexões sobre racismo e emancipação e educação antirracista. O simpósio busca, assim, contribuir para o fortalecimento da produção acadêmica sobre o tema, promovendo um espaço de questionamento e expansão dos horizontes filosóficos para além das matrizes eurocênticas.

9. É tempo de nos aquilombar: a resistência de negras e negros numa sociedade racista – Coordenação: Joiciane Maria Rodrigues de Carvalho (UNINTA- Sobral-Ceará, Grupo de Estudos e Pesquisas GERI- Sankofa)

O Simpósio Temático propõe refletir sobre a resistência negra como prática de reexistência em um Brasil marcado por desigualdades estruturais e epistemológicas. A partir das contribuições de Vera Rodrigues (2020), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), Conceição Evaristo (2005) e Maria Carolina de Jesus (1960), discute-se como os corpos negros – especialmente os de mulheres negras – resistem às tentativas históricas de apagamento e silenciamento. O conceito de racismo estrutural, como discutido por Ribeiro (2017), refere-se à forma como o racismo está enraizado nas instituições e práticas sociais, operando tanto no plano material – com exclusão econômica e social – quanto no plano simbólico, por meio da negação de saberes, memórias e narrativas negras. Neste cenário, a escrita torna-se instrumento de enfrentamento e afirmação identitária. A escrevivência, conceito-chave cunhado por Conceição Evaristo (2005), é entendida como uma escrita que parte da experiência vivida para denunciar as opressões e afirmar a existência da população

negra. Já a metáfora da “máscara de Anastácia”, apresentada por Grada Kilomba em sua obra *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), é utilizada para discutir o silenciamento histórico imposto à população negra, sobretudo às mulheres, e o rompimento desse silêncio como ato de resistência. Dessa forma, valorizar as vozes negras, reconhecer suas memórias e experiências e garantir sua presença nos espaços de poder são movimentos urgentes e necessários. Como afirma Conceição Evaristo: “É tempo de nos aquilombar”. Este simpósio busca, portanto, refletir sobre as formas de resistência e reexistência da população negra, com ênfase nas experiências das mulheres negras; discutir o papel da escrita como ferramenta política de enfrentamento do silenciamento e apagamento histórico; promover a valorização das epistemologias negras no contexto educacional; e incentivar a produção acadêmica que articule raça, classe e gênero de forma interseccional, contribuindo para uma educação antirracista. A metodologia do simpósio acolherá trabalhos teóricos e empíricos que dialoguem com os estudos decoloniais e com os feminismos negros, priorizando abordagens interseccionais e experiências de escrita e pesquisa que partam da vivência e da memória como estratégias de resistência.

10. Participação social e políticas antirracistas: olhares interseccionais sobre a interação socioestatal - Coordenação: Diego Coelho do Nascimento (UFCA); Geovane Gesteira Sales Torres (UFRN); Ana Patrícia de Sousa Santiago (UFRN); Maria Clara Fernandes Araújo de Paiva (UFRN)

Este simpósio temático se volta à participação social em torno de políticas públicas multissetoriais voltadas a grupos demográficos como os povos originários, comunidades tradicionais, população migrante e refugiada, população negra, mulheres, população LGBTQIA+ e pessoas com deficiência. A partir de um caráter interdisciplinar e interseccionalmente situado, almeja-se acolher pesquisas teóricas e empíricas que tratam sobre relações de confronto político e/ou cooperação entre setores da sociedade civil e governos com foco na coprodução de políticas públicas antirracistas. Parte-se da concepção teórica institucionalista de que as relações entre sociedade civil e governos são perenes, havendo esforços de movimentos sociais, ONGs, coletivos e demais formas de ação coletiva para incluir demandas em agendas governamentais. Para tanto, além de repertórios de ação como protestos, denúncias em redes sociais, ocupações de prédios públicos e privados, produção e disseminação de dados etc., a sociedade civil organizada no Brasil, especialmente no pós-Constituição de 1988, passou a protagonizar ativismos no seio de instituições do Estado. Assim, conselhos de políticas públicas, consultas públicas, conferências setoriais e orçamento participativo têm possibilitado o fortalecimento do diálogo entre governos (federal e subnacionais) e sociedade civil para formulação e controle social de políticas. Contudo, os avanços nessa área, conquistados sobretudo nas gestões federais do Partido dos Trabalhadores, foram alvos de desmontes após o golpe de 2016 e o governo Bolsonaro, quando conferências nacionais não foram realizadas e órgãos colegiados federais foram extintos ou enfraquecidos. Isso reforça a importância de reflexões e discussões críticas sobre potencialidades, dilemas e perspectivas para a participação institucionalizada no campo dos direitos de grupos subalternizados e periféricos, bem como sobre as estratégias de movimentos sociais politicamente orientados para a mudança.

11. Literatura negra de autoria feminina: gritos de existência, relatos de resistência - Coordenação: Natália Alves Martins Amorim (SEDUC/CE; PMPEDU/URCA); Dawn Alexis Duke (Universidad Tennessee)

O presente Simpósio busca reunir trabalhos que direcionam um olhar para a da produção literária afro-feminina bem como reflexões acerca dos usos da literatura de autoria feminina negra para a promoção da visibilidade de autoras que por séculos, tiveram suas produções desvalorizadas, esquecidas e invisibilizadas no cenário literário e, pautando, assim, também as questões de gênero. É preciso reforçar que as narrativas afro-diaspóricas e femininas são estratégias que podem operar na desconstrução de hegemonias e apresentações de novas subjetividades, resistências e protagonismos. Considera-se que a escrita de mulheres negras uma ferramenta importante para trabalhar relações étnico-raciais e busca-se refletir sobre a aplicabilidade desse universo literário por meio de práticas de leitura que proponham intervenções capazes de contribuir e subsidiar as práticas pedagógicas, em consonância com o proposto pelas leis nº10.639/2003 e nº11.645/2008 que tornaram obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica, pública e privada, alterando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Além disso, considera-se os atravessamentos de gênero, contribuindo também com a aplicabilidade da Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, que também alterou a LDB, incluindo a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica de todo o País. Assim, reafirma-se que a literatura de autoria feminina e negra pode contribuir para promover um letramento racial a partir da identidade de grupos étnicos, rompendo com o silenciamento de autoras negras e promovendo reflexões que ressoem em imagens positivas da mulher negra a partir da visibilidade de obras de literatura afrofeminina. Como objetivo geral, busca-se conhecer os escritos de mulheres negras no campo literário como ferramenta potente de resistência feminina negra e voz que ecoa entre o real vivido e a escrita subjetiva, estimulando o debate racial, empoderamento feminino e a construção de novas formas de se perceber potente.

12. Raça, Território e o Sistema Único de Saúde: aportes críticos para a saúde da população negra - Coordenação: Prof. Dr. Francisco Anderson Carvalho de Lima (UECE); Profa. Me. Cardoza Santos (UFC); Profa. Me. Maria Cristiellen Rodrigues Ribeiro (ICI)

A modernidade registra formas de dominação circunscritas em um texto colonial de atualização da violência em territórios raciais, que figuram em condições de vulnerabilização operadas no regime de sociabilidade brasileiro, que contingencia sexismo, elitismo e racismo em dinâmicas de opressão. Essa inscrição funda um trauma colonial, desdobrado na operação do racismo, do cisheteropatriarcado e do capital em uma particular organização das políticas públicas de saúde e sua implementação em torno das categorias de raça e território. Este simpósio temático objetiva realizar uma interlocução analítica entre os campos da Saúde Coletiva, Avaliação de Políticas Públicas e Urbanismo, em diálogo com estudos sobre as dinâmicas territoriais com enfoque nos processos de racialização, racialidade e racismo, de modo a territorializar a experiência pública de atenção à saúde das populações negras no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Desse modo, pretende acolher estudos sobre gestão e produção do cuidado, análise e avaliação de políticas de saúde e processos de racialização e territorialização com apontamentos para a saúde das populações negras, considerando os aspectos de raça, gênero e colonialidade.

13. Práticas e Reflexões Sobre o Ensino de Ciências Naturais e Humanas em uma Perspectiva Étnico-Racial - Coordenação: Profa. Dra. Maria Derlandia de Araújo

Januário (NEGRER-URCA); Prof. Dr. Joilson Silva de Sousa (URCA); Prof. Dr. Thiago Alves Moreira Nascimento (URCA); Keli Gomes Ferreira (MNPEF/URCA)

As práticas e reflexões sobre o ensino de Ciências Naturais e Humanas ganham novos sentidos quando atravessadas por questões étnico-raciais, de gênero, classe e território. Reconhecer a ciência como produção cultural e histórica é também reposicioná-la no currículo escolar a partir de um compromisso ético e político com a justiça cognitiva, a equidade e o enfrentamento ao racismo estrutural. Esta proposta convida a pensar a escola como espaço de construção de sentidos, identidades e pertencimentos, articulando os saberes científicos aos conhecimentos africanos, afro-brasileiros, indígenas e populares. A partir das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, nos mobilizamos a repensar práticas docentes, processos formativos e escolhas curriculares que valorizem as epistemologias plurais e os territórios de vida e resistência. É nesse movimento que o ensino de Ciências pode se constituir como ferramenta de emancipação, diálogo e transformação, abrindo caminhos para uma educação científica crítica, antirracista e interseccional, ancorada em fundamentos teóricos com a afirmação das diferenças e com a escuta das vozes silenciadas ao longo de nossa história.

14. Gênero, Raça e Classe na Sociedade e Classes no Contexto da Educação para as Relações Étnico-Raciais - Coordenação: Rosangela Ribeiro da Silva (UNILAB); Maria de Jesus Monteiro de Oliveira (Educação Básica/CE); Leopoldina Maria Aragão Maciel (Educação Básica/CE)

O objetivo deste simpósio é analisar as relações de gênero, raça e classe, com base numa perspectiva crítica-dialética e interseccional, em que as discussões acerca da ideia construída sobre a superioridade masculina e a inferioridade da mulher, bem como o patriarcado atravessam as nossas vidas no campo das ideias e das práticas educativas a ponto de vivenciarmos o aprofundamento das opressões das mulheres no atual contexto, o qual permite reflexões e compreensões sobre o complexo da reprodução social nas ações individuais e coletivas, enquanto reprodução da lógica vigente neocolonial e capitalista. Nessa sociedade, baseada nas relações sociais alienadas, não permite, por exemplo, o sentido de comunidade e de coletividade, vislumbrando um projeto de emancipação humana, destacamos, em particular, a violência masculina imposta às mulheres, no modo de produção capitalista, no qual presenciamos um processo de naturalização dessa violência que é histórica, tendo no feminicídio sua expressão mais cruel. A questão da mulher, numa análise social e política, não deve ser secundarizada, e nem abordada de forma unilateral, considerando que somos mulheres de uma classe, a classe trabalhadora, sendo seres sociais situados historicamente com as especificidades de cor, etnia e gênero. Queremos possibilitar o debate neste Simpósio a partir de uma abordagem crítica e interseccional das questões e problemas que nos instigam a investigar, a dialogar e compreender a gênese, a natureza e a função social da opressão de gênero, raça e classe na perspectiva das relações étnico-raciais e destacar avanços nesse campo. Nesse sentido, o debate proposto articula teoria e empiria, com discussões sobre os fundamentos dessas opressões e as possibilidades de intervir para transformar essa realidade.

15. A Educação Antirracista no Contexto Escolar e das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008: Limites e Possibilidades - Coordenação: Maria Núbia de Araújo (Educação Básica/CE); Emanuelle Cordeiro de Sousa (Grupo de Estudo Gênero e Raça); Julyanni Almeida Grandim (Grupo de Estudo Gênero e Raça)

A proposta deste Simpósio Temático visa discutir e apresentar a formação de uma sociedade racista, os desdobramentos da violência racial e de gênero presentes nos espaços escolares, os quais afetam a vida de crianças negras e indígenas na educação básica e com consequências para a vida toda. Abordaremos os limites e os avanços na aplicabilidade das Leis n.º 10.639/2003 e 11.645/2008 no currículo, as quais visam à obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, problematizando o currículo e as práticas educativas nas escolas. Esses movimentos têm apresentado proposições legais nas referidas leis para o enfrentamento do racismo estrutural. As reflexões nesse campo são fundamentais para pensar uma educação responsável por uma mudança social, a partir da denúncia das desigualdades, do preconceito e da discriminação sofridas pelas populações negra e indígena. Na sociedade capitalista, em que a estrutura social é baseada nas desigualdades de classe, raça e de gênero, seguem atravessadas por relações alienadas, pelo racismo nas suas diversas manifestações que ocasiona a invisibilidade de negros e indígenas com situações de violência e opressão. A finalidade aqui é valorizar a luta e a resistência para o acesso à educação, à cultura e ao conhecimento sistematizado, uma vez que essas populações continuam sendo excluídas do acesso ao ensino formal, dentre outros direitos civis. Nessa direção, a visão epistemológica da afrocentricidade oferece-nos um caminho para pensarmos o protagonismo negro e dos povos originários, a recentralização e valorização das suas culturas e, das identidades com ações de uma educação voltada para as relações étnico-raciais, como formas possíveis de se fazer presente no cotidiano escolar, uma educação antirracista, que valoriza a cultura e a identidade negra e indígena no contexto brasileiro.

16. Interseccionalidade e decolonialidade nas experiências das Mulheres Negras - Coordenação: Susana Terto (UFG); Kênia Costa (UFNT)

É notória uma crescente participação de mulheres negras ativistas e/ou acadêmicas na problematização da condição dessa população na sociedade que, historicamente, é marcada por desigualdades e exclusão. Quando falamos sobre mulheres negras, entendemos que elas trazem consigo um conjunto de vivências singulares, que são únicas, e que estão sendo observadas, refletidas e compartilhadas a partir de uma perspectiva da experiência vivida no tocante à identidade racial e de gênero. Este simpósio temático, proposto desde o evento anterior, vem sendo proposto no intuito de dialogarmos a partir de uma perspectiva interseccional (entre os eixos de poder raça, gênero, classe e espaço) e decolonial (a partir das experiências pessoais e comunitárias de mulheres negras). Sendo assim, o principal objetivo da sessão é construir um espaço de reflexão e partilha, evidenciando vivências e reflexões, principalmente no que se refere às suas histórias de mobilização e resistência em diversas áreas: urbanas, rurais, comunidades quilombolas e tradicionais, nos âmbitos educacionais, acadêmicos e políticos.

17. Educação afrodescendente no ambiente escolar: representatividade de docentes negros, propostas de ensino e práticas pedagógicas - Coordenação: Profª Me. Luana Ricarto da Costa (Educação Básica); Profª. Me. Rayanne Pereira do Nascimento (Educação Básica)

A educação antirracista precisa ser cada dia mais incorporada nos conceitos de práticas pedagógicas nos espaços escolares. No entanto, ainda que as políticas educacionais venham cada vez mais contemplando essa discussão para termos uma escola/sociedade sem racismo, ainda é uma realidade a ser alcançada. Por isso, se faz necessário pensarmos

cada vez mais em enegrecer os espaços formativos, dando visibilidade e voz as nossas crianças e adolescentes negros e negras, que historicamente se sentem inviabilizados devido ao apagamento de sua história e do racismo estrutural que dificulta sua existência. Com base nisso, este simpósio temático propõe discutir a educação afrodescendente no ambiente escolar, com foco na representatividade de docentes negros, nas suas propostas de ensino e em experiências pedagógicas que contribuam para um ambiente inclusivo e equitativo. Ao abordar a presença de professores negros nas escolas, buscamos evidenciar a importância de modelos que representam a diversidade da sociedade, fortalecendo a identidade e o pertencimento dos estudantes afrodescendentes. Além disso, serão exploradas propostas pedagógicas que valorizam a cultura, a história e as experiências afrodescendentes. Este espaço pretende reunir pesquisadores, educadores, estudantes e demais profissionais interessados em debater estratégias e práticas que possam transformar o ambiente escolar em um espaço de reconhecimento, valorização e combate ao racismo estrutural.

18. Arquitetura, Raça e Cidade - Coordenação: Prof^a. Dr^a. Claudia Sales de Alcântara (UNICHRISTUS); Prof^a. Me. Eudalia Ellen Ferreira da Costa (PPGAU-UFBA); Prof^a Me. Maria Cristiellen Rodrigues Ribeiro (ICI)

A urbanização brasileira foi historicamente orientada por uma lógica de dominação racial que perpetua a violência colonial por meio da estruturação desigual dos territórios. No contexto das cidades, o planejamento urbano tem operado como instrumento de exclusão, reproduzindo hierarquias raciais e consolidando um modelo de cidade atravessado pela branquitude. Este simpósio temático propõe uma interlocução entre os campos da Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Urbano e Estudos Étnico-Raciais, com atenção especial aos processos de segregação e ao planejamento urbano racializado. Busca-se tensionar a produção do espaço urbano por meio da crítica à ausência da raça como categoria analítica nos estudos e políticas urbanas — especialmente diante de um cenário em que os territórios periféricos concentram populações negras em condições de precariedade habitacional, insegurança fundiária e violência urbana. Dessa forma, o simpósio acolherá estudos que abordem a construção social e territorial da segregação étnico-racial, o branqueamento como projeto de cidade, as resistências nos territórios negros, as práticas contra-hegemônicas de habitar e planejar, bem como a emergência de epistemologias urbanas negras.

19. Entre Ancestralidades e Cosmopolíticas: mulheres que escrevem o mundo - Coordenação: Maria Gabriela Vieira Leite (SEDUC-CE), Maria Raiane Felix Bezerra (SEDUC-CE), Sabrina Maria Monte (SEDUC-CE)

Esta proposta de simpósio nasce do desejo de criar um espaço que acolha e valorize as múltiplas formas de saber produzidas por mulheres negras, indígenas e também por mulheres de comunidades tradicionais (quilombolas, ribeirinhas, ciganas, entre outras). Ao trazer as categorias teóricas amefricana e ameríndia, compreendidas como lugares de enunciação e construção de mundos, busco reunir pesquisas e experiências que reconheçam essas mulheres como intelectuais, narradoras de si e de suas coletividades, guardiãs de práticas e saberes que historicamente foram marginalizados. A noção de amefricanidade, proposta por Lélia Gonzalez (1988), nos ajuda a compreender as conexões entre a ancestralidade africana e as vivências negras nas Américas, especialmente na América Latina, em sua dimensão política e cultural. Já o conceito de ameríndia, a partir

das contribuições de Eduardo Viveiros de Castro (2002) e Marisol de la Cadena (2015), aponta para os múltiplos modos de existir dos povos indígenas e suas cosmopolíticas, que rompem com as lógicas coloniais e ampliam nossa visão sobre o que é conhecimento. Neste diálogo, a escrevivência, conceito forjado por Conceição Evaristo (2005), aparece como fio condutor: uma escrita que nasce do vivido, da memória, do corpo e da coletividade. Mais do que um estilo, ela é um gesto político de autoria, de ruptura e de ancestralidade. A proposta está aberta a trabalhos que articulem experiências de pesquisa, atuação política e produção de conhecimento em diferentes linguagens e metodologias — sejam elas etnográficas, autoetnográficas, decoloniais, artísticas, performáticas ou outras formas sensíveis de enunciação. Interessa-nos refletir sobre as resistências e criações de mulheres negras, indígenas e tradicionais em suas multiplicidades: nas universidades, nos territórios, nos movimentos, nas artes, na vida cotidiana. A proposta busca fortalecer redes entre pesquisadoras, ativistas e comunidades, promover o intercâmbio entre saberes diversos e contribuir para a construção de uma ciência mais plural, viva e enraizada nas experiências que historicamente têm sido silenciadas, mas que seguem produzindo futuro.

20. Por uma Geografia das Africanidades: Educação, Ensino e Transformação Social - Coordenação: Meryelle Macedo da Silva (URCA/NEGRER), Maria Ismênia Leite de Sousa (SME Assaré/ NEGRER), Rafael Ferreira da Silva (UFC/NEGRER), Aline Neves R. Alves (SME BH/GT GEPENE)

A entrada de africanas(os) no então território brasileiro propiciou a transferência de uma diversidade de conhecimentos preponderantes para a formação de uma sociedade. Seja do ponto de vista da materialidade e/ou da imaterialidade tais conhecimentos podem ser compreendidos como africanidades, cuja apreensão nos leva a reconhecer e positivar as trajetórias negras no espaço geográfico. Desse modo, a ciência geográfica possibilita uma revisão da história sociológica brasileira, tendo em vista a criticidade da realidade e a valorização do protagonismo social das populações negras, o que corrobora para o enfrentamento ao racismo e para a transformação social na produção de uma educação geográfica. Diante do contexto, esse Simpósio Temático pretende dialogar com pesquisadoras(es), docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, estudantes de Graduação e Pós-Graduação, e com ativistas dos Movimentos Sociais sobre o Ensino de Geografia e o reconhecimento das africanidades. Serão bem-vindos trabalhos com foco na questão teórico-metodológica, relações étnico-raciais, identidade e território, práticas culturais e metodologias de ensino, dentre outras que impactam na construção de uma geografia antirracista.

